

MACABÉA, A ESTRELA-FLOR: UMA LEITURA DE *MACABÉA: FLOR DE MULUNGU*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Macabéa, the star-flower: a reading of *Macabéa: flor de mulungu*, by Conceição Evaristo

Maria Fernanda Silva de Carvalho¹
<https://orcid.org/0009-0007-9350-1179> 

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 – ppglit@contato.ufsc.br

Resumo: Discutindo a prática literária e política da *escrevivência* de Conceição Evaristo – e relacionando-a com o método da *fabulação crítica* de Saidiya Hartman, o qual possibilita uma contra-História pelo ato de narrar, e com o projeto da *restituição da interioridade* de Djaimilia Pereira de Almeida, em que escritores e artistas diaspóricos estão coletivamente engajados –, este artigo pretende analisar a personagem Macabéa reescrita por Evaristo em seu livro *Macabéa: flor de mulungu*, de forma a destacar a sua *escrevivência* como fundamental para a sua releitura da protagonista de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Desse modo, a intenção deste trabalho não é simplesmente discutir comparativamente as duas Macabéas, mas também mostrar como a protagonista da obra de Evaristo e a própria autora (a)firmam-se em uma coletividade, escrevivendo-se e se tornando porta-vozes de outras mulheres.

Palavras-chave: Macabéa; Conceição Evaristo; *escrevivência*; *fabulação crítica*; *restituição da interioridade*.

Abstract: By discussing the literary and political practice of *escrevivência* by Conceição Evaristo – and relating it to Saidiya Hartman's method of *critical fabulation*, which enables a counter-History through the act of narrating, and to Djaimilia Pereira de Almeida's project of *restitution of inwardness*, in which diasporic writers and artists are collectively engaged – this article intends to analyze the character Macabéa rewritten by Evaristo in her book *Macabéa: flor de mulungu*, in order to highlight her *escrevivência* as fundamental to her rereading of the protagonist of *A hora da estrela*, by Clarice Lispector. Thus, the intention of this work isn't simply to discuss the two Macabéas comparatively, but also to show how the protagonist of Evaristo's work and the author herself firm/assert themselves within a collectivity, *escrevivendo-se* and becoming spokeswomen for other women.

Keywords: Macabéa; Conceição Evaristo; *escrevivência*; *critical fabulation*; *restitution of inwardness*.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo discutir a personagem Macabéa reescrita por Conceição Evaristo em seu livro *Macabéa: flor de mulungu*, apresentando-a como porta-voz de uma coletividade. O papel da escrita, para além da sua função estética, será

abordado como fundamental para essa reescritura – que não é somente literária, mas também histórica e política – a partir das práticas de *escrevivência*, *fabulação crítica* e *restituição da interioridade*, de Conceição Evaristo, Saidiya Hartman e Djaimilia Pereira de Almeida, respectivamente.

Para isso, este artigo foi organizado em três seções: “Macabéa: a estrela-flor”, dividida entre as subseções “*Macabéa: flor de mulungu*, de Conceição Evaristo” e “*A hora da estrela*, de Clarice Lispector”; “Um compromisso ético e político através da escrita: algumas considerações a partir de Djaimilia Pereira de Almeida, Saidiya Hartman e Conceição Evaristo”; e “Escrevivência, fabulação crítica e restituição da interioridade em *Macabéa: flor de mulungu*”. Na primeira seção, as duas Macabéas serão apresentadas sucintamente e também contrapostas. Já na segunda seção, com base em contribuições de Almeida, Hartman e Evaristo, será discutida a importância da escrita para o compromisso ético e político com uma contra-História, na qual as mulheres negras possam ser protagonistas (e autoras). Por fim, na terceira seção, as práticas de *escrevivência* (Evaristo), *fabulação crítica* (Hartman) e *restituição da interioridade* (Almeida) serão relacionadas com a personagem Macabéa de Conceição Evaristo.

Macabéa, a estrela-flor

A hora da estrela, de Clarice Lispector

Em sua última entrevista, concedida a Júlio Lerner, em fevereiro de 1977¹, ao ser perguntada sobre seu último romance (e também sua última obra publicada em vida) – *A hora da estrela* –, Clarice Lispector respondeu: “É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas não é só isso. A história é sobre uma inocência pisada, uma miséria anônima.” (Panorama [...], 1977, 19 min 39 s). A história, de muitos fatos e poucos acontecimentos, possui um enredo simples, como a vida “rala”² da protagonista: Macabéa é uma jovem nordestina natural de Alagoas, vive na cidade do Rio de Janeiro, trabalha como datilógrafa – ainda que erre muito e sempre suje o papel –, divide um quarto com quatro moças balconistas das Lojas Americanas, teve um rápido e fracassado namoro com Olímpico de Jesus, sonha ser estrela de cinema e morre atropelada logo após ter um glorioso futuro predestinado por uma cartomante.

Raro narrador masculino na obra clariceana, quem conta a história de Macabéa é Rodrigo S. M., também personagem-escritor de *A hora da estrela*. Rodrigo é, ainda, Clarice (e vice-versa), como a escritora fez questão de deixar claro na “Dedicatória do autor”: “(Na verdade Clarice Lispector)”. Assim, Rodrigo – espécie de “escritor-fantasma da autora” (Wisnik, 2021, p. 361) – é convocado a criar “o romance contando a sua própria história –

¹ A entrevista foi ao ar no dia 28 de dezembro de 1977, dezenove dias após a morte de Clarice Lispector (conforme sua vontade, expressa a Lerner no dia da entrevista), no programa *Panorama Especial*, da TV Cultura.

² O adjetivo “ralo(a)” é utilizado sete vezes em *A hora da estrela*, qualificando sempre algo relacionado à Macabéa.



a história do romance que ele está fazendo – e a história de Macabéa” (Gotlib, 2009, p. 581).

Logo no início da narrativa, ele afirma que, embora inventada, a história é verdadeira, sendo sua “obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas” (Lispector, 1998, p. 13) e seu dever revelar-lhe a vida, “[p]orque há o direito ao grito. Então eu grito.” (Lispector, 1998, p. 13): “O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e mal vejo.” (Lispector, 1998, p. 19). O que está “quase apagado” é a vida invisibilizada de Macabéa, é a história de uma moça que não foi inventada, “[e]la forçou dentro de mim sua existência” (Lispector, 1998, p. 29-30), pois a realidade se impõe.

Afinal, ainda que “experimentado de dentro, na sua densa repercussão de ordem existencial” (Gotlib, 2009, p. 580) – como é característico de toda a obra de Clarice Lispector –, em *A hora da estrela*, um conflito social é evidente. “Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir” (Lispector, 1998, p. 16), afirma Rodrigo ainda no início da história. Macabéa é um fato, uma verdade: retirante nordestina “numa cidade toda feita contra ela” (Lispector, 1998, p. 15), trabalhadora tão explorada que “[n]em se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (Lispector, 1998, p. 29).

Será apenas na sala de Madama Carlota, a cartomante, que Macabéa – “[e]ssa moça [que] não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (Lispector, 1998, p. 27) – passa a ter consciência da própria realidade, da miséria de sua existência. Separando o monte de cartas, pela primeira vez, Macabéa teria um destino, um futuro. Porém, “incompetente para a vida” (Lispector, 1998, p. 24), seu futuro só é possível na morte: o predestinado namorado estrangeiro, rico e loiro Hans é, na verdade, um luxuoso Mercedes amarelo, que a atinge ao sair do prédio da cartomante e a lança na sarjeta de um beco escuro. Caída nos paralelepípedos sujos, “hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (Lispector, 1998, p. 80), pensou ela, “pois nascera para o abraço da morte” (Lispector, 1998, p. 84) – pois a hora da estrela é a hora da morte.

Macabéa: flor de mulungu, de Conceição Evaristo

Em 2012, trinta e cinco anos depois da morte de Clarice Lispector (e da publicação de *A hora da estrela*), a editora Oficina Raquel publicou o livro *Clarice Lispector: personagens reescritos*, contendo doze releituras – doze contos, doze autores – de algum personagem clariceano. Dentre eles, “Macabéa: flor de mulungu”, de Conceição Evaristo. No final de 2023, Evaristo publicou uma versão ampliada de seu conto pela mesma editora, com ilustrações de Luciana Nabuco.

“Desde quando vi e não só olhei de relance a moça Macabéa, caída e semimorta no chão, imaginei que a flor de mulungu seria para ela, ou melhor, seria ela.” (Evaristo, 2023,



p. 7), inicia a narradora-autora³. Se, em *Clarice*, a hora da estrela é a hora da morte, em *Conceição*, a hora da estrela é hora de renascimento, de floração: “Eu vi a moça, a outra. Uma Macabéa outra. E essa outra, vi em seu estado de breve floração. Mas em estado tão breve, que de tão breve, em mim se fez eterno.” (Evaristo, 2023, p. 7). Essa “outra” está para além das “verdades inventadas” (Evaristo, 2023, p. 8) sobre ela, sobre seu desamparo e sua solidão. Há a dor, é claro, mas uma dor compartilhada, coletiva.

E por força de antigos conhecimentos, adivinhei a dor da moça. Das angústias de Macabéa eu carecia, para agraciar as minhas. E de que viver, o que escrever se não sangrassem em mim, as dores da estrela? [...] eu não preciso de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é a minha parença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus (Evaristo, 2023, p. 11).

Nas duas obras, o silêncio é característica marcante da protagonista. No entanto, se em *A hora da estrela*, há certa estupidez nisso, em *Macabéa: flor de mulungu*, há sapiência. No romance, Macabéa escrevia mal (estudou apenas até o terceiro ano primário); no conto, ela ainda tem suas dificuldades, embaralhando-se na escrita de algumas palavras. Entretanto, isso não a diminui – pelo contrário –, pois sabia que “[e]ra preciso consertar as palavras, assim como era preciso consertar, arrumar a vida e o mundo” (Evaristo, 2023, p. 12). Macabéa, a flor, “sabia que o mundo falava desde o seu silêncio” (Evaristo, 2023, p. 15), que havia muitas linguagens para além da palavra.

A bem da verdade, Macabéa residia na casa da linguagem, embora não fosse de muito falar. Aprendera com os seus determinadas máximas. Em boca fechada não entra mosquito. [...] Entretanto, exercitava a linguagem e muito. Primeiro com ela mesma, depois com o mundo, isto é, as outras, os animais e as coisas em seus estados (Evaristo, 2023, p. 15).

Em *Macabéa: flor de mulungu*, a personagem possui uma sabedoria ancestral, recebida pelas diferentes linguagens de seus antepassados e a qual ela dissemina do mesmo modo aos seus e, sobretudo, às suas descendentes. Se, em *A hora da estrela*, “[e]la era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim.” (Lispector, 1998, p. 31), em *Macabéa: flor de mulungu*, a protagonista floresce e se ramifica.

Sobre sua ancestralidade, a narradora-autora do conto afirma:

[E]ra muito difícil, impossível quase, traçar com exatidão a árvore genealógica de Macabéa. As ramagens se embaralhavam. Procelas, invasões, travessias, exílios, batismos forçados, aldeias queimadas, tutela da igreja, muita água, quase mar, canoas sobre o Xingu. [...] Às vezes, Macabéa confundia as histórias de um passado remoto, longínquo, com as do passado presente. Confundia em si povos espalhados pelo mundo. Africanos e seus descendentes, árabes, ciganos, indianos, judeus, povos nativos das terras das Américas e outros e outros (Evaristo, 2023, p. 19).

No entanto, três imagens eram nítidas em sua memória, uma “trindade feminina”

³ Devido à escrevivência de Conceição Evaristo, optei por acrescentar “autora” à “narradora”.

(Evaristo, 2023, p. 19): uma jovem indígena, uma mulher negra e uma velha portuguesa. Possivelmente, com elas, Macabéa tenha aprendido seus três ofícios praticados em sua cidade natal, antes de ser datilógrafa no Rio de Janeiro: mezinheira, parteira e cerzideira. Sobre os conhecimentos relacionados às mezinhas, era certo: “Macabéa herdara de seus bons antecedentes. Os povos das florestas e aqueles que tinham chegado, banhados de água salgada do mar, mantinham uma vital intimidade com as plantas.” (Evaristo, 2023, p. 20). O chá das folhas de mulungu – calmante e sedativo – era herança marcante, pois “[a]mansava feras bravias, senhores e senhoras, no gozo da escravidão do outro” (Evaristo, 2023, p. 20). Em seu ofício de parteira, a Flor mostrava ser, ainda, estrela, luz. Suas mãos amparavam crianças que chegavam ao mundo sempre vivas. As mães também estavam sempre a salvo graças a ela. E todas – parteiras, mães e crianças – se uniam em íntima coletividade. Mas era o ato de cerzir o seu preferido, sobretudo quando se tratava de lenços. Alguns chegavam muito puídos, gastos, com fios rompidos e esgarçados. Tratava, então, “de recompor, de devolver a vida que ali existiu” (Evaristo, 2023, p. 23). Através de seus três ofícios, teria Macabéa um quarto? Seria esse recompor os fios da História? Das histórias?

E enquanto Macabéa em sua meia-morte balbuciava parte de sua história, não tive dificuldade alguma para entendê-la. Ela falava por mim e para mim, tal a nossa semelhança. [...] Macabéa não pode morrer. Já morremos muito. Mas vivemos, apesar de. Junto à Macabéa ouço e recupero peças de nossas histórias. [...] Macabéa ficava. [...] Entendi a justa revelação. A mais justa. A Flor de Mulungu não ia fenecer. Não. A posição fetal em que ela se encontrava era um indício de que uma nova vida se abria. Ela ia nascer por ela e com ela. Macabéa ia se parir. Flor de Mulungu tinha a potência da vida. Força motriz de um povo que resilientemente vai emoldurando o seu grito. Mulheres como Macabéa não morrem. Costumam ser porta-vozes de outras mulheres [...]. Uma trindade feminina potencializa a existência dela. Macabéa [...] não morreria jamais (Evaristo, 2023, p. 28-32).

“[U]ma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer.”, diz Ulisses à Lóri no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector (1991, p. 33). Em *Macabéa: flor de mulungu*, a protagonista morre apesar de, pois sua morte não é um fim, mas um recomeço. Em seu renascimento-floração, Macabéa, a estrela-flor, é porta-voz de sua história e de outras histórias, da sua vida e de outras vidas, de si e de outras mulheres. Como o mulungu, árvore que floresce no mês de agosto, Macabéa floresce quando se espera o agouro. Apesar de, Macabéa vive. A estrela. A flor.

Um compromisso ético e político através da escrita: algumas considerações a partir de Djaimilia Pereira de Almeida, Saidiya Hartman e Conceição Evaristo

Em fevereiro de 2023, a escritora luso-angolana Djaimilia Pereira de Almeida apresentou sua conferência “A restituição da interioridade” na New York University, publicada pela editora brasileira Todavia em *O que é ser uma escritora negra hoje, de*



acordo comigo: dois ensaios e uma conversa no mesmo ano. No texto, ela afirma que a “interioridade negra foi tomada de *nós*. Mas sua restituição é tarefa *nossa*.” (Almeida, 2023, p. 62), de modo que o “projeto dessa restituição é a *principal* missão que a maioria dos artistas negros luso-afro-brasileiros em atividade hoje assumiu, de uma maneira ou de outra. [...] Apenas nós podemos reconstruí-la.” (Almeida, 2023, p. 64-65). Importante ressaltar que, segundo Djaimilia Pereira de Almeida, essa restituição está inserida em uma coletividade, pois cada projeto artístico de quem assumiu tal missão faz parte de um projeto coletivo.

De acordo com a escritora, dar “uma *mente*” (Almeida, 2023, p. 67) a si mesmos adquire importância especial aos escritores e artistas diaspóricos, uma vez que compartilham uma identidade instável, pois não pertencem nem ao Ocidente nem à África, estando numa espécie de limbo: “Darmos uma mente a nós mesmos, por isso, está ligado a dar um lar simbólico a nós mesmos. Por não termos lar, nosso trabalho é em parte arqueologia, em parte performance.” (Almeida, 2023, p. 67). Se o nomadismo se faz condição permanente, Djaimilia Pereira de Almeida (2023, p. 75) sugere que talvez “a possibilidade de inventar quem esse alguém é” – esse sujeito diaspórico e nômade – seja mais promissora do que saber de onde ele veio. No entanto, essa invenção não é mero ato ficcional, de criação artística, mas, sobretudo, um exercício de memória e experiência.

Essa possibilidade de invenção de histórias na História converge com o método da *fabulação crítica*, desenvolvido pela escritora e historiadora cultural estadunidense Saidiya Hartman, que se dedica, sobretudo, a contar a história de mulheres negras escravizadas. Em seu ensaio “Vênus em dois atos” (2008), Hartman (2020, p. 13) se propôs a explicar o método, a partir da análise da “ubíqua presença de Vênus no arquivo da escravidão atlântica [...] [c]omo figura emblemática da mulher escravizada no mundo atlântico”:

Jogando com os elementos básicos da história e rearranjando-os, reapresentando a sequência de eventos em histórias divergentes e de pontos de vista em disputa, eu tentei comprometer o status do evento, deslocar o relato preestabelecido ou autorizado e imaginar o que poderia ter acontecido ou poderia ter sido dito ou poderia ter sido feito. Lançando em crise “o que aconteceu quando” e explorando a “transparência das fontes” como ficções da História, eu queria tornar visível a produção de vidas descartáveis (no tráfico atlântico de escravos e também na disciplina da História), descrever “a resistência do objeto”, mesmo que por apenas imaginá-lo primeiro, e escutar os murmúrios e profanações e gritos da mercadoria. Aplainando os níveis do discurso narrativo e confundindo narradora e falantes, eu esperava iluminar o caráter contestado da História, narrativa, evento e fato, derrubar a hierarquia do discurso e submergir a fala autorizada no choque de vozes. O resultado desse método é uma “narrativa recombinante”, que “enlaça os fios” de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro, recontando a história da garota e narrando o tempo da escravidão como o nosso presente (Hartman, 2020, p. 29).

Em suma, de acordo com Hartman (2020, p. 30), o que resulta da prática da *fabulação crítica* “é uma História escrita com e contra o arquivo”, pois essa História só pode



ser performada através do ato de narrar, sendo, portanto, “uma contra-História na intersecção do fictício e do histórico”.

Ao encontro do projeto da restituição da interioridade negra e do método da fabulação crítica, praticados, respectivamente, por Djaimilia Pereira de Almeida e Saidiya Hartman – e já convergentes entre si –, há, ainda, a *escrevivência*, conceito criado por Conceição Evaristo. Mas a *escrevivência* é muito mais que um conceito, é:

um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas (Evaristo, 2020, p. 30).

O termo foi fundado a partir de uma imagem: a figura da Mãe Preta, “aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande” (Evaristo, 2020, p. 29), cuidando dos filhos da família colonizadora. Suas tarefas como “cuidadora” da prole da casa-grande eram diversas: ama de leite, cozinheira, companhia das crianças – conversando com elas e ensinando-lhes as primeiras palavras – e, ainda, contadora de histórias, as quais ninavam as futuras sinhazinhas e os futuros senhores de escravos. A partir dessa imagem fundante e histórica, Conceição Evaristo entrelaça passado, presente e futuro – como sugere o método de Hartman –, mostrando que,

se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. [...] E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

A *escrevivência* é, portanto, ato, ação, prática – literária e política –, cuja autoria é negra, feminina e pobre. A partir dessa escrita, essa mulher busca se autoinscrever no “mundo-vida” (Evaristo, 2020, p. 35) – o qual não é abstrato, porque existe –, mas compreendendo que a letra não é apenas sua, que sua escrita não é mero exercício individual e isolado, pois “não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade” (Evaristo, 2020, p. 35). A *escrevivência* é, desse modo, a escrita que traz consigo a vivência, a experiência de uma coletividade.

No início de seu ensaio “O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo” (2022), Djaimilia Pereira de Almeida (2022, p. 10) afirma:

O meu maior privilégio é este tempo, o meu. Nunca antes na história uma mulher como sou podia aspirar a um destino semelhante ao que vivo. Queria alguém saber do que pensava, ou imaginava, do que via ou sentia uma preta?

Almeida, Hartman e Evaristo são contemporâneas (ainda que possuam certa diferença de idade entre si) e aproveitam este tempo, o nosso: escrevem. E suas escritas



não são individuais, mas coletivizadas, pois há um compromisso ético e político em ser uma mulher negra e intelectual no nosso tempo: escrever uma contra-História, na qual as mulheres escravizadas sejam mais do que “mercadorias e cadáveres” (Hartman, 2020, p. 15), “escrever” para pôr fim a sonos injustos (passados, presentes e futuros) e restituir a interioridade de cada um e de todos.

Escrevivência, fabulação crítica e restituição da interioridade em *Macabéa: flor de mulungu*

Macabéa: flor de mulungu, como todo texto de Conceição Evaristo, é um texto “escrevivido”. Nele, a escritora coloca “a experiência, a vivência de [...] [sua] condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada” (Evaristo, 2020, p. 30), inserindo também a experiência da condição da maioria da população brasileira: a miscigenação entre indígena, negro e branco, ou seja, entre povos originários espoliados, africanos escravizados e europeus colonizadores. Macabéa é representante genuína do “povo brasileiro”, como cunhou Darcy Ribeiro: tem sua existência marcada por um processo de miscigenação forjado nas mais diversas violências do período colonial, colhendo ainda suas agruras no tempo presente. No conto, amparada e fortalecida pela sua ancestralidade – sobretudo a feminina – Macabéa é porta-voz de outras mulheres. E o mesmo pode ser dito de Conceição Evaristo, que a reescreveu assim.

Macabéa: flor de mulungu, como toda releitura, não é a história do que foi, mas do que poderia ter sido. O modo subjuntivo intrínseco a essa nova criação está presente também no método da fabulação crítica. Em “Vênus em dois atos”, Hartman (2020, p. 28-29) cita a seguinte definição de fábula proposta pela teórica cultural holandesa Mieke Bal:

uma série de eventos relacionados lógica e cronologicamente que são causados e experimentados por atores. Um evento é uma transição de um estado a outro. Atores são agentes que realizam ações. (Não são necessariamente humanos.) Agir é causar ou experimentar um evento.

Seria leviano dizer que Conceição Evaristo tenha utilizado o método da fabulação crítica em *Macabéa: flor de mulungu*. No entanto, é certo que ela experimenta um evento em seu conto, agindo criticamente ao contar uma outra história de Macabéa, ou melhor, uma história de “[u]ma Macabéa outra” (Evaristo, 2023, p. 7). Conceição inaugura uma possibilidade que não existiu para Clarice em *A hora da estrela*, pois suas experiências são distintas.

Em um depoimento⁴, refletindo sobre a afirmação de Clarice Lispector de que “Escrever é dominar o mundo”, Conceição Evaristo (2020, p. 34) disse: “Não tenho a experiência de domínio algum. [...] Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge [...] [d]a investigação de vidas muito próximas à

⁴ Depoimento concedido em encontro virtual realizado no dia 25 de julho de 2020 e transcrito no livro *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes e publicado pela editora Mina no mesmo ano.

minha.” Investigando, ela criou a Macabéa *outra*, a que poderia ter sido, e que, nesse subjuntivo, é – existe no texto, na materialidade das palavras.

Em sua conferência “A restituição da interioridade”, Djaimilia Pereira de Almeida (2022, p. 74) afirma que as identidades do limbo – aquelas diaspóricas, nômades – são um “ajuntamento de fragmentos”. Isso porque “[s]omos feitos de fragmentos, lembrancinhas e pilhagens. Encontramos, perdemos, reunimos, nos apegamos. Estamos em trânsito e espalhados. Somos uma coleção de coisas fora de contexto.”, tornando-se, assim, necessária a prática da restituição da interioridade. Se Conceição Evaristo a alcança através do ato de escrever, Macabéa a alcança através do ato de cerzir. Os lenços – “existências em seus momentos escorregadios, chegavam sempre secos, mas úmidos de lágrimas. Seus donos podiam ser homens ou mulheres” (Evaristo, 2023, p. 23) – vinham para ela em abundância, pois seus donos e donas confiavam à moça a tarefa de reunir, recombina, recompor seus fragmentos (e os dos seus), salvando-os da morte e do esquecimento. Assim como Conceição Evaristo fez à Macabéa: sua interioridade lhe foi restituída.

Considerações finais

O romance *A hora da estrela* é conhecido como o livro mais social de Clarice Lispector. A história da moça nordestina que vai tentar a vida no Rio de Janeiro e que, até o momento de sua morte (e, inclusive, nele), sofre os mais diversos tipos de exploração e humilhação, convivendo com uma miséria que é, ao mesmo tempo, exterior e interior, material e espiritual, machuca e constrange o leitor. Segundo Nádia Gotlib (2009, p. 579), Macabéa é “pura e idiota, trágica e meio cômica”, conduzindo “o leitor a uma reação também dúbia e contraditória: provoca nele o riso e, logo depois, o arrependimento por haver rido”. O próprio Rodrigo, personagem-escritor e narrador da história, sente-se, muitas vezes, desconfortável escrevendo sobre Macabéa: “preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela.” (Lispector, 1998, p. 17). Recrimina-se e, sutilmente, também recrimina seus leitores:

[...] eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos (Lispector, 1998, p. 12).

Assim como o seu narrador *alter ego*, Clarice Lispector se criou no Nordeste. Foi em Maceió, capital de Alagoas – estado de nascimento da protagonista de *A hora da estrela* –, que a família Lispector desembarcou ao chegar ao Brasil em 1922 e onde morou até 1925, ano em que vai para Recife (PE). No Nordeste, Clarice também teve uma infância dura, sobretudo devido à doença da mãe e a problemas financeiros da família. Além disso, será para o Rio de Janeiro – como Macabéa –, que ela partirá, com o pai e as irmãs, e viverá até a sua morte. Ainda que enfrente dificuldades, de diferentes ordens, ao longo da vida, é claro que seu destino não foi dramático como o de Macabéa. Pelo contrário, teve uma



família presente, bons amigos, uma profissão consolidada e uma carreira renomada. Mas talvez, por isso mesmo, Clarice demonstre, através de Rodrigo, certo incômodo, remorso, culpa em relação à Macabéa, apresentando, assim, uma consciência crítica em *A hora da estrela*.

Ao lembrar de Flaubert, que afirmou que Emma Bovary “c’est moi”, a narradora-autora Conceição Evaristo (2023, p. 11) escreveu: “eu não preciso de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu”. Afinal, sua Macabéa é representante, porta-voz de si e de todos os seus. Ainda que a Macabéa clariceana não seja uma estranha para Clarice Lispector, havendo, inclusive, alguns pontos de convergência entre suas vidas, aquela não é uma representante, uma porta-voz da canônica autora, tampouco dos seus, pois a escrita de Clarice não é uma escrevivência, como a de Conceição Evaristo. A Macabéa *outra*, de Evaristo, é a moça retirante nordestina que não representa somente sofrimento, miséria e morte, ao contrário: ela é aquela que, graças à força de seus ancestrais, torna-se a guia de seus descendentes, pois é símbolo de uma coletividade. Graças à escrevivência de Conceição Evaristo, tiranos do passado – e sonsos do presente – são despertados de seus sonos injustos, florescendo, assim, uma contra-História necessária e justa à Macabéa. A estrela-guia, estrela-flor.

Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**: dois ensaios e uma conversa. São Paulo: Todavia, 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa**: flor de mulungu. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Trad. de Fernanda Silva e Souza e Marcelo R. S. Ribeiro. **Revista Eco-Pós**: Crise, Feminismos e Comunicação, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640/pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

PANORAMA Especial. Entrevistador: Júlio Lerner. Entrevistada: Clarice Lispector. São Paulo: TV Cultura, 1977. 1 vídeo (28 min 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 25 jun. 2026.



WISNIK, José Miguel. A coisa social. In: PASSOS, Cleusa Rios P.; ROSENBAUM, Yudith. (org.). **Um século de Clarice Lispector**: ensaios críticos. São Paulo: Fósforo, 2021. p. 357-371.

NOTAS DE AUTORIA

Maria Fernanda Silva de Carvalho (mafescarvalho@gmail.com, maria.fernanda.silva.carvalho@posgrad.ufsc.br) é doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. É licenciada em Letras – Língua Portuguesa (2016) e mestra em Literatura (2019) pela mesma instituição. É também professora efetiva de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria do Estado de Educação de Santa Catarina.

Agradecimentos

À Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Este artigo é resultado da disciplina “Rastros das histórias coloniais”, de 2024/1, ministrada pelas professoras Dra. Susan Aparecida de Oliveira (UFSC) e Dra. Margarida Rendeiro (Universidade Nova de Lisboa).

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

CARVALHO, Maria Fernanda Silva de. Macabéa, a estrela-flor: uma leitura de *Macabéa: flor de mulungu*, de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-11, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 29/01/2026

Revisões requeridas em: 04/06/2026

Aprovado em: 01/09/2026

Publicado em: 21/09/2026

